

PARTE I - PREFÁCIO

Ver os problemas: uma condição *sine qua non* para os resolver.



Ilídia Cabral

O que significa VER os problemas?

- O Rei! - disse ofegante. – Nem vos vi. Que fazeis aqui?

- O mesmo que vós, cavaleiro: procuro a porta.

O cavaleiro olhou de novo à sua volta.

- Não vejo nenhuma porta.

- Só podemos realmente ver depois de compreendermos – disse o rei. –

*Quando compreendermos o que está nesta sala, conseguimos avistar a porta
que dá acesso à sala seguinte.*

(Fisher)

Quem trabalha em contextos educativos depara-se, diariamente, com problemas de vária ordem. Naturalmente, há diferentes formas de reagir perante um problema profissional. Há quem se sirva da sua experiência para o tentar resolver. Há quem vá por *tentativa e erro*. Há quem pergunte ao colega do lado como costuma fazer. Há quem faça de conta que não há problema nenhum. E até há quem não percecione qualquer tipo de problema. Mas há, também, quem tente compreender os verdadeiros contornos do problema para o poder resolver de forma mais eficaz e com base numa tomada de decisão devidamente informada. E é aqui que se começa, realmente, a VER o problema: quando se consegue compreender as diferentes dimensões do mesmo. Mas isto implica que sejamos capazes de abandonar as nossas pseudocertezas e de observarmos determinado fenómeno a partir de outra(s) perspectiva(s) que não aquela(s) à qual / às quais estamos habituados.

Este movimento de descentração não é fácil e obriga, muitas das vezes, a aumentarmos o nosso poder de compreensão heurística dos fenómenos, o que nos faz entrar num processo formal de *investigação científica*. Neste contexto, longe de nos

afastarmos da vida para mergulharmos em teorias, o que fazemos é usar as teorias como lentes para melhor podermos compreender os problemas e agir sobre eles. É *isto* que significa VER os problemas em contexto de investigação científica.

O que significa VER os problemas em Ciências Sociais?

As coisas fixas, marcadas pelo carácter e pela lei, são deslocadas por um comportamento caleidoscópico, num mundo em que cada pessoa parece diferente da outra. É isso que torna tão difícil fazer uma ciência rigorosa do mundo humano. O problema não está nem nas teorias, nem nos métodos, mas na própria natureza do objecto.
(Rubem Alves, 2003)

Desde o século XVI que os princípios epistemológicos e metodológicos que presidiam ao estudo da natureza foram sendo aplicados ao estudo da sociedade, como se os fenómenos sociais, plenos da complexidade de que se revestem todos os fenómenos humanos que se desenrolam em relação, pudessem ser estudados e compreendidos à luz do método científico de cariz positivista.

A óbvia inadequabilidade do paradigma positivista ao estudo dos fenómenos sociais, pelas inquestionáveis diferenças entre os objetos do mundo social e do mundo natural, levou a que, progressivamente, as Ciências Sociais reivindicassem um estatuto metodológico próprio. Começa então a surgir uma epistemologia qualitativa, que mais não é do que “um esforço na busca de formas diferentes de produção do conhecimento que permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interactiva e histórica que representa a subjectividade humana.” (Rey, 2005, p.29). Esta epistemologia coloca a ênfase no interpretacionismo, que conduz à valorização de métodos que permitam aceder à compreensão das perspetivas individuais em contextos e circunstâncias específicos (Ritchie & Lewis, 2003).

Assumindo-se que o comportamento humano não pode ser compreendido sem referência aos seus significados e intenções (Guba & Lincoln, 1998), a investigação em Ciências Sociais e Humanas leva-nos a adotar uma posição relativista face à realidade, que reconheça e valorize a existência de múltiplas realidades que existem sob a forma de construções mentais social e experiencialmente localizadas, substituindo-se as

noções científicas de explicação, previsão e controlo pelas de compreensão, significado e ação (Usher, 1996, p.19).

A investigação em Ciências Sociais e Humanas justifica, portanto, um estatuto metodológico próprio, assente nas características acima referidas, que não se coaduna com fundamentações científicas meramente correlacionais, pois que o comportamento humano não pode ser compreendido sem referência aos seus significados e intenções.

Estudar cientificamente os fenómenos sociais significa, portanto, rejeitar explicações simplistas, reducionistas e imediatistas da realidade, sabendo que esta é diversa, complexa e multifacetada e exige uma construção de sentidos responsável e rigorosa, assente na triangulação de perspetivas, métodos e fontes.

O que significa VER problemas em Ciências da Educação?

Teorias são redes; somente aqueles que as lançam pescarão alguma coisa.

(Novalis)

VER problemas em Ciências da Educação significa tudo aquilo que foi já explicitado na resposta às duas primeiras questões levantadas neste texto, mas significa também (e obrigatoriamente) conhecer, compreender e mobilizar as teorias educativas, organizacionais, sociais, políticas, entre outras, que nos permitam abranger a multidimensionalidade destes problemas e construir interpretações possíveis, plausíveis e credíveis para os mesmos, com uma sólida base empírica e teórica.

Como afirmam Boavida e Amado (2008, p. 197):

O grande objetivo desta família de ciências que abarcamos na designação geral de ciências da educação é descrever, explicar, levantar novos problemas teórico-práticos, compreender os processos internos e os condicionamentos de qualquer prática educativa ou formativa, quer atendendo a níveis de interação mais amplos, como os de gestão e administração organizacional ou de administração política e económica do sistema educativo.

Às ciências da educação compete, ainda, analisar a evolução, tanto presente como passada, das referidas práticas educativas e formativas, bem como contribuir para a elaboração de um conjunto de saberes e de técnicas que suportem cientificamente as decisões, aos mais diversos níveis, destinadas a melhorar os condicionalismos, os processos e os efeitos daquelas práticas, contrapondo-se às 'receitas' geralmente sem base, do senso comum, e tomando uma atitude crítica contra os obstáculos de qualquer ordem que impeçam aquelas melhorias. Para alcançar estes objetivos, a teoria e a prática constituem o cerne das ciências da educação.

E voltamos, assim, ao título deste texto: *Ver os problemas – uma condição sine qua non para os resolver*. Porque só quer VER os problemas quem por eles se deixa interpelar. E quem por eles se deixa interpelar deseja, certamente, resolvê-los (leia-se, investir na criação de condições que permitam a melhoria das situações identificadas como problemas). E é precisamente para isso que faz sentido fazer Investigação em Educação, na procura de uma simbiose entre teoria e prática que possa ser colocada ao serviço da melhoria dos contextos educativos e, em última instância, ao serviço das Pessoas e da Vida, de uma vida digna e plena de oportunidades de desenvolvimento para todos. Mas para que assim seja, é preciso saber VER. E só consegue VER quem tem a coragem de se questionar, de pôr em causa as suas convicções e as suas práticas. Quem tem sede de saber e a humildade de desaprender para aprender, contra a arrogância da ignorância que obscurece. Quem se sente desconfortável com as rotinas paralisantes que embutem o pensamento e tolhem a ação.

Bem hajam os nossos doutorandos por escolherem o caminho do inconformismo e por darem este primeiro (mas importante) passo de identificar e narrar problemas. Que prossigam este caminho com a inquietação serena de quem sabe que nunca deixará de procurar.

Referências:

Boavida, J. & Amado, J. (2008). *Ciências da Educação: Epistemologia, Identidade e Perspectivas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Guba, E. G. & Lincoln, Y. S. (1998). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (eds.), *The Landscape of Qualitative Research*. (pp. 195-222). Thousand Oaks, CA: Sage.

Rey, G. F. (2005). O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: Gonzalez Rey, F. L. (Org). *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Thompson Learning.

Scott, D. & Usher, R. (1996). *Understanding Educational Research*. Routledge: London and New York.